

A NOITE DO PODER

ANMOSTRRA

ROBERT FISK

**A NOITE
DO PODER**

A TRAIÇÃO DO ORIENTE MÉDIO

70

Rio de Janeiro - 2025

A noite do poder

Copyright © 2025 Edições 70.

Edições 70 é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA).

Copyright © 2024 by Robert Fisk.

ISBN: 978-65-5427-343-5

Translated from original Night of Power. Copyright © 2021 do Copyright Robert Fisk. ISBN 9780007255498. This translation is published and sold by Columbia University Press, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Almedina Brasil Ltda, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

F539n

1.ed. FISK, Robert.

A noite do poder: a traição do Oriente Médio /Robert Fisk. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Edições 70, 2025.

672 p.; 15,7 x 23 cm.

ISBN 978-65-5427-343-5

1. Jornalismo internacional. 2. Conflitos no Oriente Médio. 3. Política internacional. 4. História contemporânea. 5. Reportagem de guerra. I. Título.

CDD 956.04

Índice para catálogo sistemático:

1. História contemporânea do Oriente Médio - 956.04

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Marco Pace

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Produtora Editorial: Andreza Moraes

Revisão: Merit Educacional

Diagramação: Merit Educacional

Capa: Natalia Curupana



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:

ASSOCIADO



ANNOOSTRA

Para Nelofer

ANMOSTRRA

Sabei que o revelamos (o Corão), na Noite do Poder.

E o que te fará entender o que é a Noite do Poder?

A Noite do Poder é melhor que mil meses.

Nela descem os anjos e o Espírito, com a anuência do seu Senhor, para executar todas as Suas ordens.

(Ela) é paz, até ao romper da aurora!

Alcorão, sura 97:1-5

ANMOSTRRA

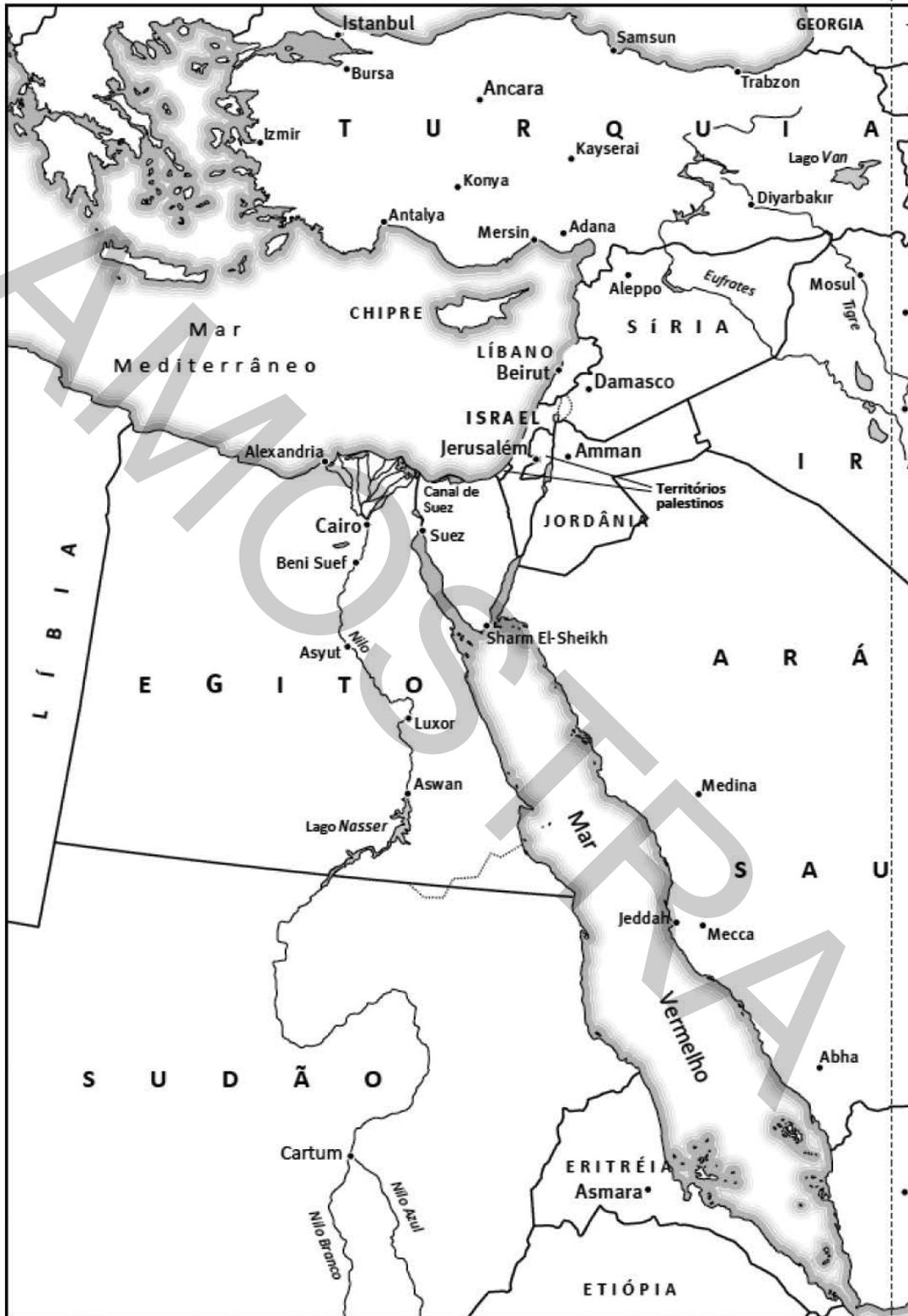
SUMÁRIO

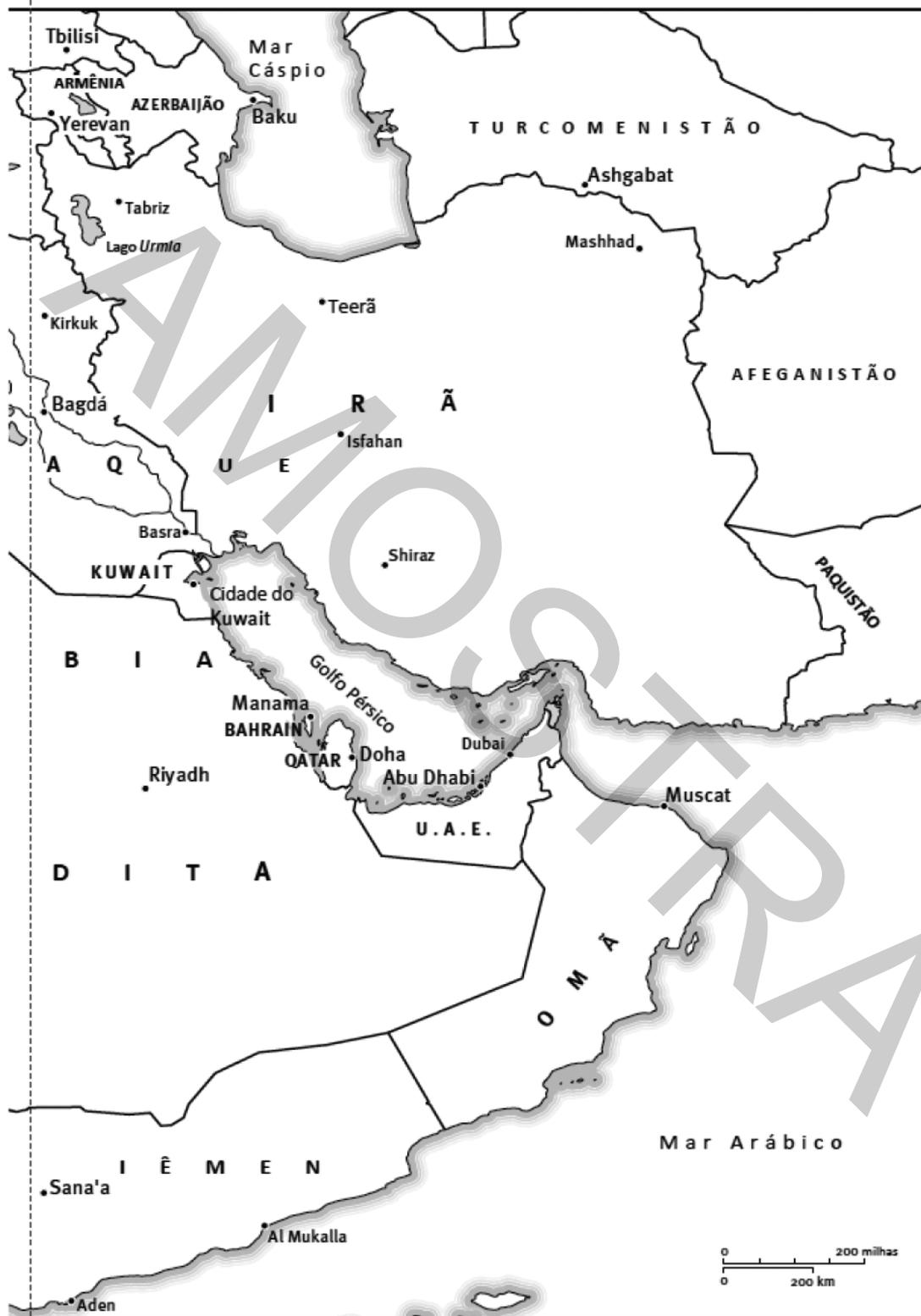
Mapas	11
Prefácio	17
Introdução	25
1. Legado	31
2. A era do ditador	55
3. Pisando em cacos	87
4. Pintando Otelo de preto	114
5. “Você tem sua missão, eu tenho a minha”	148
6. “Agora a coisa ficou séria, cavalheiros”	187
7. O cão na manjedoura	233
8. O império israelense	269
9. Selvagem	300
10. Como pareciam valentes nossos navios de guerra naquele amanhecer	345
11. O despertar	374
12. O tigre ferido	418
13. “Caro Moussa ...”	450
14. Os homens de meias brancas	502
15. O cirurgião das mãos ensanguentadas	542
Posfácio	580
Notas	586
Bibliografia selecionada	635
Agradecimentos	653

ANMOSTRRA

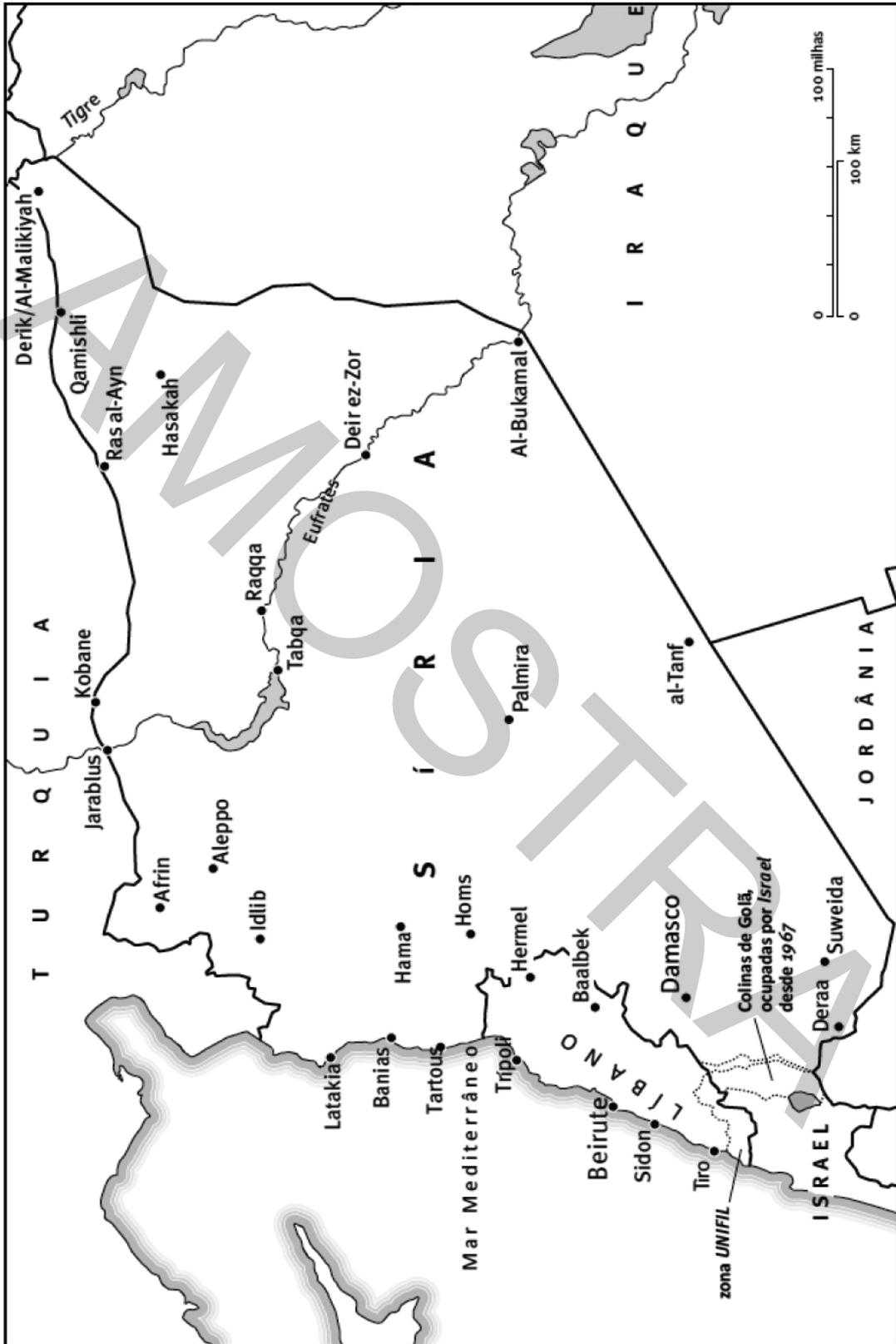
MAPAS

ANMOSTRRA









PREFÁCIO

Patrick Cockburn

Conheci Robert Fisk em Belfast, em 1972, no auge dos Troubles¹, quando ele era correspondente do *The Times* e eu estava escrevendo uma tese de doutorado sobre história irlandesa na Queen's University.

Também estava nos primeiros passos, ainda hesitantes, como jornalista, enquanto ele estava rapidamente estabelecendo uma reputação de repórter meticuloso e altamente informado, que respondia com ceticismo — e investigava rigorosamente — às alegações de todas as partes, fossem homens armados do IRA ou unionistas, oficiais do Exército Britânico ou funcionários do governo.

Nossas carreiras seguiram direções paralelas porque estávamos interessados nos mesmos tipos de matérias. Ambos fomos a Beirute em meados da década de 1970 para escrever sobre a Guerra Civil Libanesa e as invasões israelenses. Muitas vezes relatamos os mesmos eventos sombrios, como o massacre de Sabra e Shatila de palestinos por milicianos cristãos apoiados por Israel em 1982. No entanto, geralmente não viajávamos juntos porque, além do fato de Robert gostar de trabalhar sozinho, escrevíamos para jornais concorrentes.

Quando compartilhávamos um carro durante as guerras, eu fica-

1 Conflito político na Irlanda do Norte entre as décadas de 1960 e 1990 que teve seu auge em 1972, com o chamado “Domingo Sangrento”. (N.T.)

va impressionado com a disposição de Robert em correr riscos, mas sem arrogância, certificando-se de que estávamos com o motorista certo e de que a gasolina não estava diluída. Uma razão pela qual ele apresentou tantas notícias exclusivas — como a descoberta do massacre de 20.000 pessoas em Hama pelas forças de Hafez al-Assad, na Síria, em 1982 — é que ele era um viajante incansável. Um amigo lembra: “Ele era a única pessoa que conheço que podia, quase sem esforço, compor poemas sobre as aldeias do sul do Líbano enquanto as atravessava de carro”.

Havia uma razão mortalmente séria por trás de suas visitas a essas aldeias. Quando eu era correspondente em Jerusalém, na década de 1990, eles eram o alvo de repetidos ataques aéreos israelenses, que o exército israelense declarava serem direcionados exclusivamente a “terroristas” e, se houvesse mortos ou feridos, eram sempre descritos como homens armados e não civis. Quase ninguém verificava se isso era verdade — exceto Robert, que dirigia repetidamente para essas mesmas aldeias destruídas e relatava em detalhes explícitos sobre os corpos mortos de homens, mulheres e crianças, e entrevistava sobreviventes. Quando Israel insistia em negar a responsabilidade, ele descobria mais evidências sob a forma de vídeos e viajava para os Estados Unidos para mostrar aos fabricantes de armas fragmentos de mísseis que haviam dilacerado alguma comunidade libanesa.

Robert era adequado a Beirute, com sua atmosfera livre e um tanto anárquica, um lugar sempre à beira do precipício, e o povo — libanês, palestino, exilados de todos os tipos —, sobreviventes natos, embora às vezes as probabilidades contra eles fossem grandes demais. Ele tinha uma simpatia natural por seus sofrimentos e sua raiva contra os que os infligiam. Sua simpatia não se limitava às vítimas do momento: por décadas ele escreveu sobre o genocídio armênio, realizado pelos turcos otomanos durante a Primeira Guerra Mundial. Ele divulgava diários e documentos há muito perdidos sobre o massacre em massa de cerca de 1,5 milhão de armênios, matérias que outros correspondentes achavam distantes da lista de notícias convencional e que seria melhor que fossem deixadas a cargo

dos historiadores.

Mas Robert era mais do que um jornalista que catalogava desenvolvimentos e aflições atuais. Ele era tanto um historiador quanto um repórter, que escreveu, entre muitos outros livros, *A grande guerra pela civilização: a conquista do Médio Oriente* e agora *A noite do poder: A traição do Oriente Médio*. Nunca terminei o PhD em Belfast, porque a violência ficou muito intensa para o trabalho acadêmico, mas Robert conseguiu o doutorado no Trinity College Dublin, por sua tese sobre a neutralidade irlandesa na Segunda Guerra Mundial. Ele era mais do que uma pessoa que cobria “as notícias”, já que sua obra jornalística — apesar de todas as suas notícias exclusivas e revelações — tinha muita profundidade. Ele era, no verdadeiro sentido do termo, “um historiador do presente”.

Robert combinou as habilidades de um jornalista testemunha ocular, registrando e interpretando eventos, com a capacidade de um historiador de colocá-los em um contexto mais amplo e em um período mais longo. Os livros de Robert evitam a falha de muitas das melhores histórias acadêmicas, que é o autor, em grande parte, conhecer o acontecimento em segunda mão. A fraqueza do jornalismo é exatamente o oposto: o repórter concentra-se exclusivamente no que ele ou ela testemunham diante deles, ignorando ou minimizando a importância do que não veem, mas que é de igual ou maior significado. Por sua própria natureza, o jornalismo dilui a verdade não apenas por viés proprietário ou editorial, embora isso aconteça muito, mas porque a escassez de espaço e a necessidade de atrair um público amplo exigem simplificação excessiva. No entanto, a vida real dos povos e países é complicada — todas as setas nunca apontam convenientemente na mesma direção — e o que aparece na mídia será, no máximo, uma sinopse bem informada dos eventos. Somente por meio de livros como este é possível acessar a realidade complexa, mas invariavelmente fascinante. O grande jornalista norte-americano Seymour Hersh me disse uma vez: “Quando as pessoas me perguntam como começar uma investigação, sempre digo a elas: ‘Leia, leia, leia’”.

Robert era um repórter magnífico, que borbulhava de energia ner-

vosa, muitas vezes mudando o peso de um pé para o outro, caderno na mão, enquanto interrogava testemunhas oculares implacavelmente e investigava o que realmente havia acontecido. Ele não aceitava nada como verdade absoluta e desprezava abertamente quem o fazia. Ele não inventou o velho ditado jornalístico “Nunca acredite em nada até que seja oficialmente negado”, mas concordava plenamente com sua mensagem cética. Ele suspeitava de repórteres que cultivavam diplomacias e “fontes oficiais”, que não podiam ser nomeadas, e cujo provável viés partidário não era mencionado, mas em cuja veracidade éramos convidados a confiar.

Alguns jornalistas responderam à crítica de Robert com um ressentimento perplexo: durante a contra-invasão liderada pelos EUA no Kuwait, em 1991, um jornalista norte-americano infiltrado reclamou que Robert estava relatando injustamente eventos sobre os quais as informações deveriam ter sido restritas a um “grupo” de correspondentes oficialmente sancionado. Outro jornalista norte-americano radicado em Londres, no início dos anos 1980, me disse que considerava Robert um escritor brilhante e o melhor repórter que ele já conheceu, mas ficou impressionado com o número de colegas que torciam o nariz para o nome de Robert. “Pensei nisso”, disse ele, “e acho que 80% da razão para isso é pura inveja da parte deles”. Realmente, o inferno não tem tanta fúria quanto um repórter que teve sua matéria publicada antes por outro, ainda mais um com quem isso aconteceu regularmente. Robert fez isso repetidamente por mais de meio século, então não era de admirar que jornalistas rivais muitas vezes nutrissem sentimentos amargos e ressentidos em relação a ele.

Ele provavelmente ganhou mais prêmios jornalísticos importantes no decorrer de sua carreira do que qualquer outro repórter britânico ou norte-americano. No entanto, as críticas hostis ao que escreveu são talvez uma marca de sua integridade. Quem se lembra do ministro do governo britânico, há muito esquecido, que respondeu à cética, porém imparcial, cobertura de Robert da invasão do Iraque liderada pelos EUA em 2003, descrevendo Robert como “um fantoche do regime de Saddam Hussein”?